

## Capítulo IX - RECONHECENDO O AMBIENTE

De acordo com a sugestão dada por Ana, deixamos os colares havaianos em cima da mesa como forma de demonstrar que ela estava ocupada e nos dirigimos à escada caracol, muito próxima de onde estávamos sentados.

Se já houve cautela quando usamos a escada para subir, agora para descer o receio era maior, pois a colocação do pé em cada degrau precisava ser milimétrica, sob pena de deslizarmos até o deck inferior, colhendo todas as consequências que uma queda desse tipo proporciona ao incauto.

Sugeri a Ana que eu fosse na frente para ajudá-la nos movimentos de descida, pois o uso de sapato de salto alto não favorecia em nada quem se dispusesse a encarar aquela trajetória curvilínea. Com muita cautela conseguimos chegar ao fim da escada, atrapalhando um pouco o trânsito dos garçons que pareciam já ter absorvido as “manhas” da desafiante escada.

Caminhamos por entre as poucas mesas arrumadas na popa do barco, indo em direção à cabine onde estava a mesa principal da ceia. Ao passarmos pela mesa da Yara Amaral notamos que o grupo continuava bem alegre, demonstrando plena integração entre todos os participantes.

A ampla cabine funcionava como se fosse a sala principal da festa. No seu interior não havia mesa colocada com a finalidade de acomodar os passageiros. Apenas uma grande mesa ocupava a maior parte da área interna. Ao redor pequenos móveis funcionavam como aparadores, compondo a decoração impecável do ambiente com arranjos de flores de porte médio, mas harmoniosos.

Uma grande toalha branca com pequenos detalhes bordados cobria por inteiro a mesa. Sobre ela, alguns pratos, como saladas variadas, que seriam servidos no jantar estavam dispostos em vistosas bandejas de prata. Sem dúvida, os organizadores criaram aquele ambiente para ser o ponto alto do Bateau Mouche na sua gloriosa noite de Réveillon. E a estratégia parecia ter atingido o seu objetivo principal, porque vários passageiros tiravam inúmeras fotos da sala, nos mais diversos ângulos.

## Capítulo IX - RECONHECENDO O AMBIENTE

Quando um garçom se aproximou para oferecer uma taça de champanhe, eu recusei polidamente e, com um olhar especial, passei uma mensagem “cifrada” a Ana para que fizesse o mesmo. Quando o garçom se afastou, expliquei que deveríamos evitar a ingestão de bebidas alcóolicas no trajeto de ida e retorno de Copacabana, pois não tínhamos ideia das condições do mar, principalmente depois de sairmos da baía. O provável balanço intenso do barco poderia provocar enjoo, e os desdobramentos dessa situação certamente comprometeriam a alegria da noite.

Complementei a explicação, sugerindo que no retorno do barco à baía e antes de desembarcamos, teríamos oportunidade de experimentar as bebidas que estavam sendo servidas. Ana, com a sua habitual tendência à conciliação, concordou sem indagações adicionais.

Antes de sairmos da sala, comentei com Ana sobre a minha curiosidade a respeito da proa do Bateau Mouche. Especialmente, se haveria algum espaço no qual os passageiros poderiam ficar acomodados. Para chegar à proa era necessário percorrer um caminho estreito entre a parede externa da sala da ceia e a amurada do barco. A melhor forma de avançar era colocar o corpo na posição lateral, combinando com movimentos curtos dos pés. Ou seja, de costas para o mar e se apoiando na parede da sala que apresentava algumas reentrâncias que facilitavam a manutenção do equilíbrio. Logicamente, esse deslocamento arriscado só era permitido com o barco ancorado e por isso mesmo, imóvel.

Não foi possível acessar à proa por essa passagem a bombordo, porque um rolo de corda grossa usada para atracação, havia sido deixado no chão dificultando em muito a chegada à frente do barco. Decidimos, então, retornar à popa e experimentar o acesso pela lateral a estibordo que parecia liberado, embora houvesse uma estreita porta aberta mais à frente, impedindo a passagem.

Caminhando de lado pela passagem, alcançamos a porta e notamos que se tratava do acesso à cabine de comando do barco. O comandante examinava algumas cartas de navegação e preferimos não interromper a sua análise.

## Capítulo IX - RECONHECENDO O AMBIENTE

Apenas endereçamos um cumprimento de “boa noite”. Encostamos a porta para nos dar passagem e prosseguimos bem devagar até chegar à proa. Constatamos, então, que no local não havia espaço adequado para receber alguns passageiros, embora fosse possível estabelecer uma previsão bem coerente: a proa seria um “mirante” privilegiado para se contemplar o espetáculo da queima de fogos, desde que oferecesse segurança e conforto ao passageiro.

Ao retornarmos pelo mesmo caminho da ida, verificamos que o comandante não estava mais na cabine. Provavelmente, havia saído para tomar alguma providência antes de iniciar o passeio. A luz fraca da cabine permanecia acesa e as cartas de navegação continuavam abertas em cima de uma pequena mesa auxiliar, indicando que a ausência seria por pouco tempo.

Restava visitar o porão do barco e para isso descemos uma escada normal, com menores riscos de tombo em comparação com a de tipo caracol. Esse deck, o mais inferior, destoava dos outros dois em termos de conservação. A impressão que se tinha era de que os organizadores tinham colocado todo o investimento nos dois decks superiores, relegando o porão ao estado de desleixo.

Os dois banheiros eram pequenos, mas, embora limpos, demonstravam claramente a necessidade de uma ampla modernização. Diversas escotilhas, de pequena circunferência, estavam abertas, e não demonstravam ter seus vidros íntegros para permitir o fechamento correto, caso fosse necessário, em situações de mar revolto. Afinal, o Bateau Mouche era um barco de fundo plano, indicado para navegar em águas calmas e a preocupação com o conserto de escotilhas sem funcionamento adequado não devia estar na lista de prioridades.

Ainda examinando o ambiente, pude notar que duas prateleiras elevadas feitas de madeira, uma em cada lateral do porão, eram usadas para acomodar os coletes salva-vidas apertados e enfileirados que, de longe, pareciam bem surrados. Em um raciocínio relâmpago, sem desdobramentos críticos imediatos, tive a impressão de que não haveria coletes disponíveis para todos diante de uma eventual emergência. Já tínhamos passado por todas as demais áreas do barco com acesso permitido aos passageiros e só identifiquei a presença de coletes ali, no porão.

## Capítulo IX - RECONHECENDO O AMBIENTE

Permanecemos um tempo ínfimo naquele ambiente insalubre e subimos para o deck intermediário, comentando que seria ótimo não necessitar usar os banheiros durante a noite.

Ao subirmos pela escada caracol, notamos que a banda tinha mudado o repertório, passando a executar músicas mais ritmadas, aparentemente tentando incrementar a animação dos passageiros. Ana aventou a possibilidade de ser um sinal de que o barco estaria prestes a zarpar.

Automaticamente, olhei para o píer e constatei que dois marinheiros começavam a afrouxar as amarras do barco.

Ana tinha razão e, diante desse fato novo, era melhor apressarmos a subida pela escada caracol para chegarmos aos nossos lugares antes que o barco se movimentasse.

